

# O HOMEM DA MULTIDÃO EM MACHADO DE ASSIS E RUBEM FONSECA

Ilma Pereira de Oliveira Almeida\*

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo estudar o homem da multidão visto por Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire na Literatura Brasileira, tendo como referencial a temática de Machado de Assis, em **Dom Casmurro**, comparada a textos de Rubem Fonseca. Na pesquisa, procura-se analisar a diversidade que existe no indivíduo da multidão, que não demonstra traços de inocência, nos textos de Rubem Fonseca, já que tem que conviver com vários aspectos desumanos das grandes cidades; e o de **Dom Casmurro**, em que a visão do observador no episódio “O Tratado” apresenta as características ingênuas de um adolescente no contexto de 1858. O conjunto de olhares de escritores sobre o homem da multidão faz constatar que esse foco vem sendo ressaltado entre vários autores. O elemento das ruas encontra-se preso à sua mísera individualidade e se torna objeto de curiosos olhares que encontram nesse ser uma fenda infinita para possibilidade de estudo.

**Palavras-chave:** Processo de industrialização. Cidade. O Homem da multidão. Flâneur.

## ABSTRACT

The present work goals at studying the man of the crowd seen by Edgar Allan Poe and Charles Baudelaire in the Brazilian Literature, taking as a reference the thematic of Machado de Assis, in **Dom Casmurro** and, still, compared to Rubem Fonseca's texts. It seeks for the analysis of the diversity that is part of an individual of the crowd, which does not demonstrate traces of innocence, once he would have to face several big cities' inhuman aspects. Also, in **Dom Casmurro**, where the vision of the observer in the episode “O Tratado” presents an adolescent's ingenuous features in the context of 1858. The set of writers' visions over the man of the crowd confirms that this focus has been highlighted among several writers. This element who comes from the street is linked to his disgraced individuality and becomes an object of curious looking that find an infinite gap for future researches on this man.

**Keywords:** Process of industrialization. City. The man of the Crowd. Flâneur.

---

\*Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Vivemos em uma sociedade que faz parte do legado da Revolução Industrial. O homem, ao buscar melhores condições de vida, incrementa o desenvolvimento urbano e estimula o processo de industrialização.

O crescimento de aldeias e vilas que se transformaram em grandes cidades muda sensivelmente o panorama social. A aceleração do progresso em busca de prosperidade acarreta uma multiplicidade de conseqüências que, com o tempo, vem a ser mais expressiva.

Com o processo de industrialização, gradativamente seguiu o crescimento da atividade urbana, que alterou a face das cidades, acelerou o aumento da população e seu movimento frenético. As cidades atingiram, então, um alto grau de urbanização apresentando características que levam ao isolamento do homem e a sua individualização. A evolução do homem impõe um esvaziamento do seu próprio ser. “Com o advento da era industrial, o homem alarga os seus meios de apreensão da realidade, o que gera modificações no seu comportamento”. (OLIVEIRA, 1998, p. 101).

A civilização traz, imbuída em si, efeitos que resultam em um quadro complexo para o homem contemporâneo.

Nas palavras de Bastos (1974, p. 49):

Nossa atitude não é de pessimismo, mas apenas de preocupação. Cremos na civilização e nos seus recursos, e dela nós temos beneficiado farta e abundantemente, no plano geral da vida. Lamentamos, todavia, que, relativamente a uma grande quantidade, diríamos a u’a maioria de homens os benefícios da civilização não sejam positivos ou até mesmo razoáveis, que, em muitos casos, têm sido causa de desajustamentos, tensões, competições e conflitos. [...] É aqui que está a problemática da civilização. Todos a querem, todos a anseiam, mas nem todos estão em condições de viver entre civilizados. Então, comumente, nas metrópoles, verdadeiras ilhas ou faixas de grupos marginais, designados por nomenclatura vária, aparecem como pontos de contradição. Isto se dá, sobretudo num país como o Brasil, de extensa área territorial submetida às mais díspares configurações regionais.

A pressão ocasionada pelo desenvolvimento junto à luta pela vida traz ao homem um ritmo diário automático que tem contribuído para torná-lo solitário. Nesse contexto, os seres humanos passam a ser somente mais um elemento na multidão.

Diante desse conjunto de fatores e em conseqüência da urbanização, as ruas expressam o coletivo de um povo, mas não uma via qualquer, aquela que representa a unidade de uma multidão. A rua passa a ser extensão da família. “Esses labirintos de ruas, onde as pequenas cidades são substituídas por quarteirões, por edifícios anônimos, extensões da família, onde cada um se sente esmagado no seu isolamento, no seu anonimato [...]” (OLIVEIRA, 1998, p. 103). Considerando-se esta realidade, de acordo com Walter Benjamin (1991, p.121):

É precisamente esta imagem da multidão das Metrôpoles que se tornou determinante para Baudelaire. Se sucumbia à violência com que ela o atraía para si, convertendo-o, enquanto flâneur, em um dos seus, mesmo assim não o abandonava a sensação de sua natureza inumana. Ele se faz seu cúmplice para, quase no mesmo instante, isolar-se dela. Mistura-se a ela intimamente, para inopinadamente, arremessá-la no vazio com um olhar de desprezo.

Portanto, em um determinado momento, Baudelaire participa como elemento da multidão, e em outro, isola-se dela a fim de observá-la. Esse procedimento também pode ser constatado em uma experiência vivida por Wilson de Lima Bastos<sup>1</sup> quando em uma viagem do Rio de Janeiro a Marajó presencia:

Naquele espaço de embarque para diversos pontos do Nordeste, a confusão e a dificuldade para se movimentar, por causa do aglomerado de pessoas, me pôs, por momentos, em situação difícil. Era tudo muito diferente dos outros pontos de embarque.[...] Então eu via e admirava, com certa estupefação, a quantidade imensa de bagagens de todo o tipo de passageiros de todas as idades, com seus acompanhantes para o adeus de despedida. Com dificuldade consegui passar de um lado para outro, tais a desordem, a falação e, até mesmo, a gritaria.[...] É um constante entra-e-sai, num vaivém permanente, empurra de cá, empurra de lá, o que causa mal-estar e, em muitos casos angústia. Há muito tempo não via ou assistia ao espetáculo de choro na hora de despedidas.[...] A entrada no ônibus foi um deus-nos-acuda. (BASTOS, 1987, p. 11-12)

Assim, a experiência vivida por Bastos, mencionada acima, traz à tona acontecimentos que ocorrem a todo o momento nas grandes cidades, onde pessoas se esbarram e muitas das vezes nem ao menos se desculpam. De acordo com Benjamin (1991, p. 126):

O texto de Poe torna inteligível a verdadeira relação entre selvageria e disciplina. Seus transeuntes se comportam como se, adaptados à automatização, só conseguissem se expressar de forma automática. Seu comportamento é uma reação a choques. “Se eram empurrados cumprimentavam graves aqueles que os tinham empurrado e pareciam muito embaraçados”

Logo, o movimento de uma multidão inquieta apresenta, diante do olhar observador atento, uma exibição de cenas de um teatro vivo. Poe se serve desse olhar como foco para o seu conto “O homem da multidão” em que analisa os passantes sob vários aspectos, destacando, ainda, a descrição desses caminhantes. Na perspectiva de Poe, (1979, p. 108-110):

---

<sup>1</sup>Wilson de Lima Bastos, mineiro de Juiz de Fora, intelectual e defensor intransigente dos movimentos culturais caracteristicamente brasileiros.

De longe, o grande número daqueles que passam tinha uma conduta metódica e satisfeita, e pareciam estar pensando somente em fazer seu caminho através da multidão.[...] Caso abalroados, cumprimentavam profusamente os abalroadores, e se mostravam completamente dominados pela confusão. [...] A tribo dos escriturários era óbvia; e aqui eu discernia duas remarcáveis divisões. [...] Havia muitos indivíduos de pomposa aparência, que eu facilmente identifiquei como pertencentes à raça dos grã-finos batedores de carteiras, dos quais todas as grandes cidades estão infestadas. [...] Os jogadores, de quem eu descrevia não pouco, eram ainda mais facilmente reconhecíveis. Eles usavam todas as variedades de roupa. [...] Entretanto, todos eram distinguidos por uma certa compleição encharcada e de cor escura, uma turvação opaca do olhar, e palidez e compressão dos lábios. Havia dois outros traços, além disso, pelos quais eu podia sempre detectá-los.

No desenvolvimento do conto, Poe busca decifrar os passantes e compreender o comportamento do indivíduo inserido na multidão. Considerando-se o homem da multidão, no aspecto de Poe e de Baudelaire, Walter Benjamin enfatiza a diferença:

Baudelaire achou certo equiparar o homem da multidão, em cujas pegadas o narrador do conto de Poe percorre a Londres noturna em todos os sentidos, com o tipo de flâneur. Nisso não podemos concordar: o homem da multidão não é nenhum flâneur. Nele, o comportamento tranqüilo cedeu lugar ao maníaco (BENJAMIN 1991 p. 121).

É certo que existe o indivíduo que se envolve na multidão, contudo é presente também aquele que mesmo inserido neste contexto afasta-se a fim de observar, refletir: é o *flâneur*.

Frente ao exposto, temos na Literatura Brasileira, Machado de Assis, que marca em sua obra **Dom Casmurro** (1999), determinado momento caracterizador do homem da multidão. No capítulo “O Tratado”, seu personagem Bentinho, voltando para o seminário, ao caminhar pela rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, vê cair na rua uma senhora e chama-lhe a atenção as meias expostas da mulher sob as saias. Esse acontecimento desperta-lhe pensamentos eróticos que o perturbam até a madrugada daquele dia. O personagem-narrador expõe o acontecido da seguinte forma:

Várias pessoas acudiram, mas não tiveram tempo de a levantar; ela ergueu-se muito vexada, sacudiu-se, agradeceu, e enfiou pela rua próxima. [...] As meias e as ligas da senhora branqueavam e enroscavam-se diante de mim, e andavam, caíam, erguiam-se e iam-se embora. Quando chegamos à esquina, olhei para outra rua e vi a distância, a nossa desastrada, que ia no mesmo passo, tique-tique, tique-tique... (ASSIS, 1999, p. 101-102).

Não há, pois, como negar que o encontro casual com a mulher anônima que

cai diante de seus olhos provoca em Bentinho fantasias sexuais, acentuando sua libido e originando sentimentos confusos:

Dali em diante, até o seminário, não vi mulher na rua, a quem não desejasse uma queda; a algumas que traziam as meias esticadas e as ligas justas... tal haveria que nem levasse meias...mas eu as via com elas...ou então... também é possível...[...] No seminário, a primeira hora foi insuportável. As batinas traziam ar de saias, e lembravam-se a queda da senhora. Já não era uma só que eu via cair; todas as que eu encontrava na rua, mostravam-me agora de relance as ligas azuis; eram azuis. De noite, sonhei com elas. Uma multidão de abomináveis criaturas veio andar à roda de mim, tique-tique...eram belas, umas finas, outras grossas, todas ágeis como o diabo. Acorde; busquei afugentá-las com esconjuros e outros métodos, mas tão depressa dormi como tornaram e, com as mãos presas em volta de mim, faziam um vasto círculo de saias, ou, trepadas no ar choviam pés e pernas sobre a minha cabeça. Assim fui até madrugada. (ASSIS, 1999, p. 102).

Esse perfil do homem da multidão não é encontrado somente na Literatura Brasileira, como em **Dom Casmurro**, de Machado de Assis; vários outros escritores apresentam essa temática, mas será exposta nesta pesquisa uma comparação do contexto machadiano com textos de Rubem Fonseca.

Em relação à linha urbana em **Dom Casmurro**, há um distanciamento bem acentuado, levando em conta o estilo de Rubem Fonseca, que reflete a movimentação das ruas, os encontros e desencontros e a multiplicidade da metrópole de forma violenta. De um lado, Bentinho que, ao deparar-se com as meias expostas da mulher, não controla o despertar do imaginário inocente de adolescente, originando-lhe uma infinidade de sentimentos. De outro, nos textos de Rubem Fonseca, esse olhar do observador não tem essa ingenuidade, pois vê à sua frente o retrato cruel da violência nas grandes cidades. Eis o que escreve:

Augusto diz que vai andar nas ruas. Solvitur ambulando. Na rua do Rosário, vazia, pois já é noite, perto do mercado das flores, vê um sujeito arrebetando um telefone de orelhão, não é a primeira vez que ele encontra esse indivíduo. Augusto não gosta de se meter na vida dos outros, essa é a única maneira de andar nas ruas de madrugada. (FONSECA, 1992a, p. 49).

Como podemos observar, os traços determinantes de Rubem Fonseca contrastam com os apresentados em **Dom Casmurro**, já que podemos averiguar que há também diversidade quanto à época, pois o período retratado no episódio anterior, em que Bentinho observa a queda da mulher na rua do Ouvidor, enquadra-se na década de 50 (cinquenta) aproximado ao ano de 1858, uma realidade bem diferente da representada por Rubem Fonseca. “Não quero saber dos Santos olhos da teologia; desejo sair daqui o mais cedo que puder, ou já ... – Já, meu anjo, não

pode ser, mas pode suceder que muito antes do que imaginamos. Quem sabe se este mesmo ano de 58?[...]” (ASSIS, 1999, p. 106).

O diálogo acima, entre o senhor José Dias e Bentinho, demonstra o período em que o protagonista estava no seminário, espaço de tempo em que ocorre o episódio narrado em **Dom Casmurro**. Já a estética apresentada por Rubem Fonseca enquadra-se no contexto das metrópoles das sociedades modernas. Assim, visualiza:

Agora Augusto está na Rua do Ouvidor indo em direção à Rua do Mercado, onde não há mais mercado algum, antes havia um, uma estrutura monumental de ferro pintada de verde, mas foi demolido e deixaram apenas uma torre. A Rua do Ouvidor, que de dia está sempre tão cheia de gente que não se pode andar nela sem dar encontros nos outros, está deserta. Augusto caminha pelo lado ímpar da rua e dois sujeitos vêm vindo em sentido contrário do mesmo lado da rua, a uns duzentos metros de distância. Augusto apressa o passo. De noite não basta andar depressa nas ruas, é preciso também evitar que o caminho seja obstruído e assim ele passa para o lado par. Os dois sujeitos passam para o lado par e Augusto volta para o lado ímpar. Algumas lojas têm vigias, mas os vigias não são bestas de se meterem nos assaltos dos outros. (FONSECA, 1992a, p. 49-50)

No desenvolvimento do conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” (FONSECA, 1992a), Rubem Fonseca ressalta a presença não só da violência, mas também a importância do olhar que torna elemento fundamental em suas obras. Em suas perambulações pelas ruas do Rio de Janeiro, o personagem Augusto<sup>2</sup>, do conto mencionado assume a postura do flâneur que se mistura à multidão, mas não deixa de observar atento os acontecimentos que se desencadearão diante de seus olhos.

Na abordagem de Rubem Fonseca, é possível constatar também a presença de pessoas que vivem à margem da sociedade e, na realidade das grandes cidades, a manifestação da agressividade e do egoísmo individualista. É esse mundo desumano que se encontra presente em seu conto “Feliz Ano Novo” (FONSECA, 1975), onde expõe:

Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. [...] É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. [...] Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que não saía. Com nojo molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha. (FONSECA, 1975, p. 12-13)

Como se vê, muitas vezes, a violência marca a obra de Rubem Fonseca,

---

<sup>2</sup>Augusto, personagem do conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” publicada em **Romance Negro e outras histórias**, de Rubem Fonseca.

que retrata com propriedade, o contexto de uma metrópole. Seus contos trazem acontecimentos perversos, como podemos verificar ainda em “Feliz Ano Novo”, em que assaltantes matam reféns de forma sádica. “O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira.” (FONSECA, 1975, p.14-15). Essa linguagem agressiva está presente também em outros contos de sua autoria. Em “O Quarto Selo” (FONSECA, 1992b) podemos perceber as mesmas características. Mostra que, em meio ao movimento intenso de uma estação do metrô, bombas começam a explodir atingindo os transeuntes “às dezessete horas explodiu a primeira bomba, próximo a um dos guichês. Em seguida, mais cinco explosões, a última destruindo vários vagões de uma composição. Muitos gritos e gemidos. Cheiro de roupas e carnes queimadas.” (FONSECA, 1992a, p. 47). Os passantes, descritos por Fonseca, convivem com a realidade cruel que rodeia a multidão nas grandes cidades. A civilização e os instrumentos ou objetos que a caracterizam são orientados por quem não tem dela, às vezes, a mínima compreensão. A sociedade está contaminada por elementos individualistas e insensíveis. E são, entretanto, essas evidências que marcam as personagens do conto “Relato de ocorrência em que qualquer semelhança não é mera coincidência” (FONSECA, 1992b). Assim, apresenta:

Um ônibus de passageiro da empresa Única Auto Ônibus, chapa RF 80 – 07 – 83 e JR 81 – 12 – 27, trafega na ponte do rio Coroadó em direção a São Paulo. Quando vê a vaca, o motorista Plínio Sérgio tenta se desviar. Bate na vaca, bate no muro da ponte, o ônibus se precipita no rio. Em cima da ponte a vaca está morta. Debaxo da ponte estão mortos: uma mulher vestida de calça comprida e blusa amarela de vinte anos presumíveis e que nunca será identificada; Ovídia Monteiro, de trinta e quatro anos; Manoel dos Santos Pinhal, português, de trinta e cinco anos, que usava uma carteira de sócio do Sindicato de Empregados em Fábricas de Bebidas; o menino Reinaldo de um ano, filho de Manuel; Eduardo Varela, casado, quarenta e três anos. O desastre foi presenciado por Elias Gentil dos Santos e sua mulher Lucília, residentes nas cercanias. Elias manda a mulher apanhar um facão em casa. Um facão? , pergunta Lucília. Um facão depressa sua besta, diz Elias. Ele está preocupado. Ah! percebe Lucília. Lucília corre. [...] Em cima da ponte, além do motorista de um carro da Polícia Rodoviária, estão apenas Elias, Marcílio e Ivonildo.[...] Elias segura o facão na mão, como se fosse um punhal olha com ódio para Marcílio e Ivonildo. Cospe no chão. Corre para cima da vaca. No lombo é onde fica o filé, diz Lucília. Elias corta a vaca. Marcílio se aproxima. O senhor depois me empresta a sua faca, seu Elias?, pergunta Marcílio. Não, responde Elias. (FONSECA, 1999, p. 195-196)

Eis a perspectiva que Rubem Fonseca impõe a quem lê seus textos: aspectos de dureza, rigor e crueldade, onde atos desumanos, insensíveis e tão comuns em

meio à população das grandes cidades encontram-se descritos em sua obra de forma realista.

Esse estilo evidencia a diversidade que existe no indivíduo da multidão nos textos de Rubem Fonseca, que não demonstra traços de inocência, pois tem de conviver com vários aspectos desumanos das grandes cidades. Em contrapartida, em **Dom Casmurro**, de Machado de Assis (1999), onde a visão do observador no episódio “O Tratado” apresenta as características ingênuas de um adolescente no contexto de 1858.

Considerando-se esse conjunto de olhares de escritores sobre o homem da multidão, é possível constatar que, desde Edgar Allan Poe até o complexo momento atual, esse foco vem sendo ressaltado entre vários autores. O elemento das ruas, mesmo rodeado de pessoas encontra-se preso a sua mísera individualidade e torna-se objeto de curiosos olhares que encontram nesse ser uma fenda infinita para possibilidade de estudo.

**Artigo recebido em: 05/09/2008**  
**Aceito para publicação: 20/10/2008**

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: FTD, 1999.

BASTOS, Wilson de Lima. **Problemática da civilização contemporânea**. Juiz de Fora: Paraibuna, 1974.

\_\_\_\_\_. **De Juiz de Fora a São Luís, Belém e Marajó**. Juiz de Fora: Paraibuna, 1987.

BENJAMIM, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.

\_\_\_\_\_. **Romance negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

\_\_\_\_\_. **Lúcia McCartney**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992b.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu. O alargamento do olhar: o olho armado. **Verbo de Minas**: Letras, Juiz de Fora, v. 1, n.1, 1998.

POE, Edgar Allan. **The man of the crowd**. The Portable Poe. Kingsport: Penguin, 1979.